

TRIVIAL VARIADO RUBEM BRAGA

Não deixem partir Nilton Santos

Comovente a reportagem de Sandro Moreira ontem, no JB, sobre Nilton Santos. Aos 39 anos de idade, depois de 17 anos de Botafogo, e em plena forma, aquele que é chamado "A Enciclopédia" do futebol pendura as chuteiras. Não é de bola que ele está farto. É daquela servidão fatal do jogador de futebol, da monotonia funesta das concentrações, das viagens caça-níqueis pelo Brasil e pelo mundo. Para um jovem, tudo isso tem sua graça, sua excitação. Mas na volta dos 40 anos, ele deve se sentir um pouco sobrevivente, jogando ao lado ou contra meninos que ainda mamavam quando ele já era campeão carioca. Uma das coisas bonitas da carreira de Nilton Santos está aliás nisso, nessa lucidez com que ele sempre distinguiu e apoiou os valores novos do futebol. Talvez não tivéssemos ganhado o campeonato do mundo na Suécia se ele não estivesse lá para insistir na escalação de Pelé e Garrincha.

Não sei, mas acho que se deveria procurar uma fórmula para manter Nilton Santos nas fileiras até o campeonato do mundo. O Botafogo, se tivesse imaginação, poderia criar para ele um estatuto especial, dar-lhe privilégios que ele realmente merece, e que os mais novos haveriam de aceitar. Deixá-lo ir para sua casa da Ilha do Governador depois do treino da sexta-feira, dispensá-lo das viagens fatigantes. Ele ainda está todo bom de bola, e não vale

somente pelo seu pé — vale pela sua influência de *captain* antigo, do tempo em que não havia técnicos, pela assistência moral e afetiva que ele dá aos companheiros mais novos, pelo conselho de sua experiência.

Notas pessoais

Cândido Mendes de Almeida, advogado, professor da Pontifícia Universidade Católica, ex-advogado da Light, ex-membro do Grupo de Itatiaia e fundador do ISEB, católico militante, publicou um grosso livro: *Nacionalismo e Desenvolvimento* que, segundo sua própria opinião, foi lido apenas por seis pessoas. Uma delas deve ser americana, pois o autor foi convidado a fazer três conferências sobre o livro na Universidade de Harvard. Aproveitará para estudar na imensa biblioteca da Universidade e trabalhar com os computadores eletrônicos. Vai aprender coisas que o Roberto Campos não sabe, para dar-lhe combate.

Márcio Moreira Alves está hoje em Belo Horizonte, a convite dos estudantes, presidindo a cerimônia de posse do Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais. Vai fazer um discurso. "Citarei Jaurés" — confidenciou ele.

Marcito, que tem desancado o Ministro Roberto Campos, encontrou-se com ele outro dia no Galeão. O Ministro saudou-o carinhosamente — "como vai, caboclo?" Conversaram um pouco, e, quando Rober-

to Campos ia entrar no avião, Marcito despediu-se: "boa viagem, meu branco!"

Isto é feio

O Ministro do Trabalho decidiu com felicidade o caso do pagamento de cachês na televisão. Agora, no lugar do talão, o artista não contratado recebe uma ordem de pagamento, ou coisa equivalente, que lhe dá o direito de pegar seu dinheirinho cinco dias depois do programa. Todo mundo devia estar satisfeito com essa solução, que elimina um ponto de atrito entre a direção e os artistas. Acontece, porém, que alguns diretores ficaram zangados, e estão pondo na *geladeira* os artistas que iniciaram ou simplesmente apoiaram a campanha que resultou nesse acôrdo.

Agora mesmo me contaram o caso de um conhecido pianista que foi chamado para fazer um programa em uma TV e quando começava a ensaiar foi notificado de que um diretor não queria mais que ele trabalhasse ali porque "ele andou falando" sobre cachês.

É uma atitude deselegante e mesquinha de vingança contra artistas que defenderam uma causa justíssima, muitas vezes por simples solidariedade com os colegas. Apelo para a direção superior de nossas TVs para rever essa política de vindita antitrabalhista, que é muito feia. Isso é coisa de patrão botocudo, daqueles que aparecem na literatura comunista e a gente acha que foram inventados.